



EMARANHADOS: REFLEXÕES SOBRE O MULTICULTURALISMO NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS, PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS

BOTTENTUIT JÚNIOR, João Batista

*Professor do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade – PGCULT
/UFMA
joaobbj@gmail.com*

MENDES, Ana Gardenia Lima Martins

*Estudante do Mestrado do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade –
PGCULT /UFMA
anagardenia_lm@hotmail.com*

SILVA, Nataniel Mendes

*Estudante do Mestrado do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade –
PGCULT /UFMA
nataniel@ifma.edu.br*

RESUMO: O desenvolvimento tecnológico potencializa os encontros multiculturais, e nesse contexto, indivíduos de formações culturais diversas, ainda que remotamente, estão próximos através da internet. Neste artigo o Multiculturalismo é discutido à luz de suas representações na rede mundial de computadores, especialmente, através das redes sociais virtuais. No primeiro momento são apresentados conceitos e suas implicações. Em seguida, discute-se e exemplificam-se alguns conflitos relacionados a esse emaranhado cultural observado nas redes sociais virtuais. O estudo destaca ainda o papel da escola diante das interações sociais que ultrapassam os limites de seus muros, reconhecendo-se o alto valor pedagógico do trabalho com redes sociais em ambiente escolar. Nesse sentido, o trabalho aponta a necessidade da escola se aproveitar de ferramentas e estratégias educacionais para o reconhecimento e acolhimento das diferenças culturais coexistentes na rede mundial de computadores.

Palavras-chave: Multiculturalismo. Redes sociais virtuais. Educação.

ABSTRACT: The technological development enhances the multicultural encounters, and in this context, individuals from diverse cultural backgrounds, even remotely over the internet are close. In this article Multiculturalism is discussed in light of their representations on the world wide web, especially through virtual social networks. Concepts and implications of multiculturalism are presented at first. Then it is discussed and exemplified are related to this cultural entanglement observed in virtual social networking facts. And, emphasizes the role of the school in front of the social interactions that go beyond the limits of its walls, recognizing the high educational value of working with social networks in a school environment. In this sense, the work points to the need of the school to take advantage of educational tools and strategies for the recognition and acceptance of coexisting cultural differences in world wide web.

Keywords: Multiculturalism. Virtual social networks. Education.



1 INTRODUÇÃO

A globalização trouxe consigo uma intensa dinâmica de troca, de fluência, de percepções e consequentemente novas discussões relacionadas às inúmeras possibilidades de entrelaçamento de informações entre dois ou mais elementos culturais, sociais, econômicos e políticos. Observado isso, muitos estudiosos passaram a se preocupar em caracterizar, conceituar e, principalmente, compreender esse emaranhado e os eventos provenientes dele. Entre essas discussões tão pertinentes estão as de Cultura e suas “derivações”.

A temática do Multiculturalismo é uma dessas derivações que tem sido bastante debatida, principalmente por apresentar-se como um desafio para o entendimento e/ou delineamento de questões como democracia e diversidade.

Considerar que pessoas de diferentes culturas, nacionalidades e etnias estão “próximas” convivendo em um mesmo espaço parece apontar para um cenário multicultural, em que, como o nome sugere, a diversidade é justaposta, ainda que nem sempre essa justaposição aconteça de forma natural, ou pacífica.

Tempo e espaço têm apresentado transformações tão evidentes que “todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento” (BAUMAN, 1999, p. 08). Toda essa transitoriedade, diversidade e interatividade auxiliadas pela Globalização demarcam um momento de múltiplas relações e reflexões ao sujeito pós-moderno.

Com a globalização e o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação- TIC, esse emaranhado vem ganhando novas configurações. O espaço físico não é mais lugar exclusivo para as interações sociais, principalmente nos grandes centros urbanos do planeta. Relacionar-se com o outro não exige mais um contato visual, presencial, direto. As pessoas, sobretudo, os jovens, estão conectadas umas às outras através da grande rede, a internet.

O trabalho faz algumas reflexões sobre o uso dessas redes com vistas ao reconhecimento e acolhimento das múltiplas culturas que mantêm contato de forma cada vez mais vigorosa na rede mundial de computadores e, em especial, nas redes sociais virtuais, enfocando uma perspectiva educacional.



2 REDE MULTICULTURAL

Embora existam teóricos que contestem a ideia de multiculturalismo, como aquilo que estaria simplesmente justaposto, sem necessariamente haver uma relação de troca ou “negociação” (BHABHA, 2001, p.69) entre as culturas, o termo tem tradicionalmente uma acepção positiva como aquilo que está em contato, agrega, aceita, conhece e reconhece o outro, ainda que isso não seja uma regra.

A expressão multiculturalismo designa, de acordo com Boaventura Santos (2003, p. 26-27)

[...] a coexistência de formas culturais ou de grupos caracterizados por culturas diferentes no seio de sociedades modernas. Rapidamente, contudo, o termo se tornou um modo de descrever as diferenças culturais em um contexto transnacional e global [...]. Outra concepção que coexiste com a anterior, reconhece a pluralidade de culturas, definindo-as como totalidades complexas [...] permitindo caracterizar modos de vida baseados em condições materiais e simbólicas.

Essa existência, ou melhor, coexistência de grupos diferentes é potencializada, sem sombra de dúvida, pela globalização. Fenômeno que, embora não seja recente, acontece de forma cada vez mais vigorosa, potencializado pela inimaginável troca de informações no globo.

Para Canclini (2010, p. 11), “o multiculturalismo é um tema indissociável dos movimentos globalizadores”, visto que a globalização apresenta-se como um processo de reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las. O contato entre culturas, seja ele presencial ou virtual, não suprime ou “destrói” elementos deste ou daquele grupo. O que há, de fato, é um reordenamento, um novo olhar, uma nova perspectiva para o que, até então, era desconhecido. Esse processo, sem dúvida, é fomentado pela globalização.

Nesse mesmo sentido, Ribeiro (2009, p.09) reforça dizendo que:

[...] o atual reconhecimento da importância da diversidade como um valor central é resultado da progressiva tomada de consciência em relação à globalização e da crescente atenção dada à natureza interconectada das questões culturais, políticas, econômicas e sociais em um mundo encolhido.

Aqui, a importância da diversidade é reconhecida como fruto de uma tomada de consciência. Essa diversidade, ao contrário do que muitos apregoam, não está



ameaçada. O encontro de culturas é sempre uma atividade enriquecedora para ambas; pois, a partir desse intercâmbio, dessa fusão, é possível uma integração entre “comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado” (HALL, 2006, p.67)

Sabendo que com a globalização, o olhar sobre o multiculturalismo eclode de forma aparente, e que nos últimos anos, a intensa oferta de equipamentos tecnológicos e seus aplicativos tornaram-se mais acessíveis, pessoas de diferentes partes do mundo têm usufruído de uma das principais vias de comunicação, as Redes sociais. Estas, além das possibilidades de enriquecimento cultural típicas de contatos entre diferentes culturas, agregam ainda inúmeros conflitos, também comuns a esses contatos. A diferença é que agora tanto as benesses quanto os conflitos do Multiculturalismo são potencializados pelos alto-falantes das redes sociais virtuais, que, por vezes, insistem em produzir efeitos dissonantes.

2.1 O Multiculturalismo nas Redes sociais virtuais

Se pensarmos em estreitamento de fronteiras e interconexão no contexto de uma sociedade em rede, podemos aproximar os termos Globalização, Multicultura e Cibercultura. E no caso deste estudo, apesar de direcionar-se à discussão do Multiculturalismo em redes sociais virtuais, é válido observar que independente do espaço considerado, seja ele geográfico, social ou virtual, o que se verifica atualmente é a pluralidade e a diversidade, e nessa “união”, o que chamamos aqui de emaranhamento, há a necessidade de reconhecer e valorizar a diversidade cultural no intuito de reduzir mecanismos de discriminação e exclusão, que se manifestam como entraves à plenitude da cidadania.

Silva (2010, p.85) considera que:

O multiculturalismo, tal como a cultura contemporânea, é fundamentalmente ambíguo. Por um lado, o multiculturalismo é um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional. O multiculturalismo pode ser visto, entretanto, também como uma solução para os “problemas” que a presença de grupos raciais e étnicos coloca no



interior daqueles países para a cultura dominante. De uma forma ou de outra, o multiculturalismo não pode ser separado das relações de poder que, antes de mais nada, obrigam essas diferentes culturas raciais, étnicas e nacionais a viverem no mesmo espaço.

A vivência, e mais corretamente, a convivência no mesmo espaço, observada a partir do multiculturalismo nas redes sociais, indubitavelmente nos remete a questões de relações de poder, de imposições e estranhamentos, mas também nos possibilita percepções de fluência, interações e outras possibilidades de sociabilização. Como já anunciava Castells (2000) na década de 90 novas formas de sociabilidade e de vida urbana surgem no contexto on-line, e desse momento em diante uma inquietação se perpetua, “ainda não está claro porém o grau de sociabilidade que ocorre nessas redes eletrônicas nem quais as consequências culturais desta inovação” (p. 442-443).

Apesar de ser uma outra forma de sociabilidade, Recuero (2009) esclarece que as redes sociais virtuais não são desconectadas ou sequer distantes do mundo concreto de um determinado indivíduo. A autora diz que, ao contrário, nessas redes se expressam e complexificam as relações sociais já existentes, a partir do momento em que parte dos espaços sociais vai desaparecendo do mundo contemporâneo.

Com a globalização e o estreitamento de fronteiras e, principalmente, a partir das redes sociais virtuais, condições de interação entre as culturas foram se constituindo em um desafio para a diversidade cultural. Contudo, com o novo cenário que as redes sociais virtuais proporcionam, “deve-se levar em conta que numa sociedade cada vez mais complexa e diversificada, não se deve subestimar a possibilidade de aumento da segregação e da exclusão bem como dos conflitos de intolerância”. (GOBBY; KERBAUY, 2010, p.64)

Conforme dados da ONG Safernet Brasil, o número de denúncias sobre crimes ocorridos na internet em nosso país cresceu em 264,5%, no período de um ano (2011 a 2012). Entre as principais denúncias estão as relacionadas aos casos de intolerância religiosa, racismo, neonazismo e xenofobia. A ONG esclarece que a maioria dos endereços denunciados eram de conteúdo racista, o que equivale a mais de cinco mil denúncias. Em sexto lugar aparece a intolerância religiosa com cerca de 500 casos denunciados, sendo que só na rede social virtual Facebook, existem mais de dez



comunidades e grupos registrados em português, que tem como objetivo a luta contra a intolerância religiosa.

A antropóloga Adriana Dias ao realizar o seu trabalho denominado “Mapa da intolerância: região sul concentra maioria dos grupos neonazistas no Brasil, mas crescem em São Paulo, Distrito Federal e Minas Gerais” diagnosticou que nas redes sociais existem comunidades neonazistas, antissemitas e negacionistas em 91% das 250 redes sociais analisadas pela antropóloga (PORTAL EBC, 2013).

Não é raro nos deparar com notícias de casos de intolerância ocorridas nas redes sociais. Vejamos alguns casos nacionais amplamente discutidos na mídia:

“Nordestino não é gente, faça um favor a SP, mate um nordestino afogado! [...]”. A Justiça Federal de São Paulo condenou por crime de discriminação a estudante de Direito que postou, em 2010, mensagem preconceituosa e de incitação à violência contra nordestinos no Twitter. (<http://oglobo.globo.com/pais/condenada-estudante-acusada-de-discriminacao-no-twitter-4917740#ixzz2ueLek8Fo/16/05/12>)

“[...] Tenho ódio de gay galinha choca[...]”. Postagens feitas no Facebook por um professor da UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco) geraram polêmica por seu conteúdo considerado homofóbico. (<http://educacao.uol.com.br/noticias/2014/01/14/professor-da-ufrpe-gera-polemica-com-comentarios-considerados-homofobicos.htm>)

“O Acre e o Tocantins disputam para ver qual é o estado mais inútil do país”. [...] No Tocantins, [...] um usuário dentre outras mensagens xenofóbicas, polemizou em sua página no Twitter. No mesmo momento, usuários dividiam mensagens de repúdio e até incitações de apoio à ideia do usuário, o que provocou uma extrema discussão entre jornalistas, advogados e usuários. (<http://ogirassol.jusbrasil.com.br/Politica/6955729/em-pauta-intolerancia-e-preconceito-nas-redessociais.11/05/2011>)

“[...]De fato não adianta querer misturar as culturas norte/nordeste x sul/sudeste. É por isso que há tão poucos sulistas no Nordeste. (Nós não aguentamos isso aqui)” Advogado diz que iniciaria guerra para separar Nordeste do Brasil (<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/09/advogado-diz-que-iniciaria-guerra-para-separar-nordeste-do-brasil.html>)

“[...] para glamour falta muuuuuuutoooo!!! Isso está mais para estiva” [...]. A professora que ironizou a aparência de um passageiro no Aeroporto Santos Dumont, no Rio, através de uma Rede Social perdeu um cargo interno que exercia na Universidade que trabalhava. (<http://oglobo.globo.com/educacao/professora-que-ironizou-passageiro-afastada-de-cargo-na-puc-rio-11627273.17/02/2014>)



“Me perdoem se for preconceito, mas essas médicas cubanas têm uma cara de empregada doméstica. [...] Jornalista provocou uma polêmica ao publicar um texto preconceituoso na internet(<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/08/jornalista-chama-medicas-cubanas-de-empregadas-domesticas.html>)

"Acabei de quase ser atropelada por um casal de negros. Depois vocês falam que é racismo né, mas TINHA QUE SER, né?", [...] "E estavam num carro importado, certo que é roubado". Universitária gera revolta nas redes sociais após comentário racista. (<http://noticias.terra.com.br/brasil/rs-universitaria-gera-revolta-nas-redes-sociais-apos-comentarioracista,a1abb7de334d0410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html> . 19/02/2014)

Diante de tais demonstrações de intolerâncias, mais uma vez é necessário lembrar que elas não existem somente porque e pela via das Redes sociais, mas é necessário argumentar que, através delas, isso se torna mais público e, conseqüentemente, com reflexos mais amplos, tanto positivos quanto negativos.

E, a cada vez que esses casos vêm à tona, principalmente com acontecimentos constrangedores e até trágicos, são reabertas as discussões em várias áreas de conhecimento (Psicologia, Jurídica, Educacional, sociológico...) buscando meios de minimizar e até extinguir casos que se assemelhem a atitudes de intolerância. Por isso mesmo, tal temática deve ser sempre tratada por pais, educadores, e é através de perspectivas educacionais que busca-se um cenário mais acolhedor a diversidade, ao multiculturalismo.

3 PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS

Através da educação é possível minimizar e combater, no nível das ações, formas de discriminações mais acentuadas que acabam por afastar e estigmatizar grupos sociais. A escola, ainda que não consiga ser uma instituição capaz de eliminar toda a problemática que se manifesta em torno da diversidade, pior será ela se tornar cúmplice por omissão.

Em nosso país, o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996), assinala a importância de se obter um currículo escolar ajustado à compreensão e abrangência das diferenças (religião, gênero, campo, necessidades especiais, étnico-racial, socioeconômica e cultural, e indígena):



Art. 26 - Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (BRASIL, LDB, 9394/96).

Esse reconhecimento do plural em nossa sociedade nos termos legais educacionais, não só permite a percepção dos diferentes, como também acentua a importância de se considerar no currículo escolar as especificidades presentes nas diversidades da nossa sociedade.

Ainda amparando-se nos constituintes educacionais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) explicam que nas escolas pode se trabalhar o olhar sobre "os diferentes" a partir do entendimento de que cada indivíduo é proveniente de famílias e origem diferentes, com diferentes histórias, e por mais que isso pareça ser tão lógico, parte-se daí um diálogo das diferenças que permite interação, ao ponto de cada um ensinar e aprender suas peculiaridades podendo tramitar, no sentido de conhecer e até vivenciar as singularidades do outro. Muito pertinente a proposta de percepção de valores e atitudes prevista em seu conteúdo de:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, PCN, 1997, p.7).

Observa-se aqui, que a discussão sobre a valorização da pluralidade e o respeito à diversidade a ser discutido na escola vai além do território nacional. Interessante essa percepção, visto que, como já foi relatado no tópico anterior, com o advento da globalização, assim como o aumento do acesso a internet, o contato com outras culturas, seja por interesses comerciais, políticos, educativos, religiosos, entre outros, se tornou algo comum em nossa realidade. E é por isso mesmo que a escola deve colocar para si o desafio de trabalhar outras formas interativas de relação social e interpessoal, posicionando-se crítica e responsabilmente diante delas.

É nesse sentido que traçamos este estudo, pois, já que "com o advento do ciberespaço, o saber articula-se à nova perspectiva de educação" (Lévy, 2008 p.159), e



sabendo que a escola é um dos primeiros espaços em que se convive com a diversidade, então é nela que as peculiaridades e os problemas que envolvem a diversidade devem ser trabalhados, “uma vez que os indivíduos aprendem cada vez mais fora do sistema acadêmico, cabe aos sistemas de educação implantar procedimentos de reconhecimento dos saberes e *savoir-faire* adquiridos na vida social e profissional” (p.157).

Trabalhar o ensino-aprendizagem conforme o contexto é algo já muito debatido, e do mesmo modo inserir as temáticas que abordem o Multiculturalismo necessita dessa orientação, visto que o cotidiano possibilita inúmeras manifestações e ocorrências que recaem na percepção da pluralidade e da diversidade que podem ser trazidos para discussão nas salas de aula.

Para Touraine (1999), na perspectiva da diversidade, o que se busca não é a adaptação do indivíduo àquilo que a escola e a sociedade esperam dele, mas a definição de uma política de educação que considere a diversidade de comportamentos tal que possibilite uma convivência pacífica entre todos os indivíduos.

Reconhecer tais diferenças e poder interagir com elas é salutar para o processo e posicionamento de respeito. Saber que não há um absoluto modo de comer, vestir, pensar, cultivar, divertir, trabalhar, enfim, que há outros modos de vida é o primeiro passo para um olhar mais flexível.

No entanto, como já foi dito, reconhecer o diferente não significa necessariamente acolhê-lo. Como afirma Morin (2002, p. 64):

A cultura constitui a herança social do ser humano: as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico. Por isso, as culturas podem mostrar-se incompreensíveis ao olhar das outras culturas, incompreensíveis umas para as outras.

A questão em si, não é o estranhamento e nem o acolhimento, é o respeito, ou seja, ainda que não se possa concordar com as peculiaridades de cada cultura, há no mínimo que se compreender que um “posicionamento cultural” não pode chegar ao nível da intolerância, e desse modo dificulte o convívio e assim estabeleça conflitos.

Pois, como nos lembra Claude Lévi-Strauss (1985) “a diversidade das culturas humanas está atrás de nós, à nossa volta e à nossa frente. A única exigência que



podemos fazer a seu respeito é que cada cultura contribua para a generosidade dos outros”.

O processo de aceitação do outro é muito mais problemático do que parece ser, e por mais que a escola tenha um papel expressivo para a melhoria desse cenário, ainda há muito que se trabalhar. Então, se estamos falando de abordar a temática da multiculturalidade no plano de uma educação contextualizada em busca de vivências de respeito, trabalhá-la com as Redes sociais pode auxiliar significativamente esse processo. Afinal, como bem explica Parente (2000, p. 167):

Entramos na era do conexionismo generalizado, que nos leva a pensar o mundo como uma rede de comunicação. Vivemos a era do simultâneo, da justaposição do próximo e do longínquo, da topologia e da interconexão generalizada, cujo paradigma é a rede de comunicação.

Desse modo, cabe aos professores perceber o quanto é fundamental trabalhar o ensino-aprendizagem na perspectiva do sujeito no contexto cibercultural. No entanto, vale ressaltar que não cabe aqui imputar ao uso das redes sociais virtuais na escola a responsabilidade de ferramenta de solução para os problemas das minúcias que envolvem a temática do Multiculturalismo, mas de apontar alguns possíveis benefícios.

De acordo com Mattar (2012) “as redes sociais têm um potencial incrível para gerar interação[...]. Além disso, precisamos formar alunos para trabalhar em grupos e em redes, então nada mais adequado do que já fazer isso de uma maneira autêntica”.

Em perspectivas gerais, o autor também destaca alguns recursos disponíveis nas redes sociais que podem auxiliar os educadores, como o próprio mural apresenta-se como espaço de comunicação e discussão, seja com professores e alunos, como pode ser com outras pessoas de outros locais e de outras culturas que compartilhem do mesmo interesse, ou simplesmente sentem-se interessados em estar em contato com outros grupos escolares e/ou pessoais. Do mesmo modo, utilização do recurso de mensagens, bate-papos síncronos ou assíncronos. Outro recurso interessante é o de eventos quando utilizado para lembrar de compromissos e incentivos à participação em algum ato escolar ou comunitário, e a ferramenta de Grupos possibilita melhor interação e compartilhamento, perfazendo um trabalho mais colaborativo.



Em relação ao uso do recurso de Grupos, estes podem ser formados por alunos de classes e escolas diferentes, podendo ser abertos ou privados permitindo uma produção coletiva de conhecimento, numa espécie de rede cooperativa de aprendizagem.

Considerar o uso dos recursos pertinentes às Redes sociais virtuais na educação escolar é um importante passo para adentrar em discussões não só sobre o uso dessas ferramentas, mas de outros assuntos que se desdobram na Rede, como Ética e Multiculturalismo. Ocorrências com base na intolerância costumam ser bem frequentes nessas redes, e cabe ao professor saber aproveitar esses fatos para sensibilizar seus alunos e trabalhar posicionamentos que busquem o respeito às diferenças.

Como leciona Gobby e Kerbauy (2010, p.64-65):

Fruto da riqueza e da diversidade cultural, comunicacional e educacional, a tecnologia digital faz minar nossa visão de padronização, de igualdade, reinventando e recriando novas formas de produção, distribuição e administração da informação e do conhecimento e criando novas identidades. [...]. As redes sociais neste contexto desempenhariam um papel importante no sentido de estimular a inovação social, mediar conflitos sociais e garantir a manutenção e ampliação da diversidade cultural.

Esse aproveitamento da rede social virtual no plano das comunidades e dos grupos para suscitar a discussão do entrelaçamento de culturas se faz necessário no intuito de viabilizar o reconhecimento, a valorização e o empoderamento dos que se encontram entre os “diferentes”. Diálogos, demonstrações e explicações a respeito de temas como identidade, cultura, ética, pluralidade, intolerância, discriminação e diversidade, devem ser trabalhados pedagogicamente de forma consistente no intuito de combater todo o tipo de preconceito em qualquer contexto (escolar, virtual, social).

Para Fleuri (2001, p.79) “a perspectiva intercultural de educação, implica mudanças profundas na prática educativa, de modo particular na escola. [...] respeitando e integrando a diversidade de sujeitos e dos seus pontos de vista.”

Lembremos que atitudes de intolerância e falta de ética e respeito não ocorrem em demasia por existirem sites de redes sociais, pois isso ocorre em outros espaços, o que acontece é que na atualidade a repercussão midiática em torno dos fatos que incidem nas



redes sociais toma grandes proporções pela sua própria estrutura e ligação intensa com o cotidiano dos indivíduos.

Por isso mesmo, a escola deve valer-se dessas redes para priorizar a formação de cidadãos conscientes, solidários, comprometidos com uma integração e interação não excludentes. Cidadãos autônomos, capazes de lidar com as diferenças, sabendo negociar, sem se eximir, e refutando qualquer posicionamento de superioridade de uma ou outra cultura.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho centrou-se na abordagem do emaranhado cultural possibilitado pela globalização. O multiculturalismo aqui analisado buscou delinear não somente a riqueza cultural advinda dessa possibilidade de conviver com a diversidade, mas prioritariamente a de conscientizar sobre as adversidades possíveis desse convívio.

Ao denotar os conflitos existentes nesse emaranhado, a linha analisada delimitou-se ao campo das redes sociais virtuais, as quais têm demonstrado vários e interessantes casos de discussão desta temática. Demonstraram-se dados estatísticos, assim como alguns exemplos que foram demasiadamente discutidos na mídia.

Trabalhando a partir de uma perspectiva educacional, observa-se que inclusive pessoas da área da educação agiram de modo intolerante e preconceituoso. Mas, isso não pode eximir as escolas e demais órgãos de outros campos de atuação social de promoverem junto à sociedade posturas de respeito à pluralidade cultural.

Lembremos ainda que a mesma ferramenta que apresenta indivíduos capazes de difundir quaisquer tipos de atitudes conflituosas é também aquela que possibilita eventos e ações individuais ou coletivas no intuito de melhorar e ampliar o exercício da cidadania.

Na escola, os educadores orientando-se pelas diretrizes legais que regulamentam o campo da educação podem aproveitar as redes sociais para que seus discentes possam aprimorar suas habilidades como sujeitos ativos e responsáveis, administrando as complexidades, reconhecendo e conscientizando-se através das



diferenças que a interação, o acolhimento, ou apenas o respeito pode ser mais enriquecedor do que a exclusão e o preconceito.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Trad: Maurício Santana Dias. 8 ed, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação. Economia, sociedade e cultura. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FLEURI, R. M. Multiculturalismo e interculturalismo nos processos Educacionais. Vera (Org), Rio de Janeiro, Brasil, 2001.
- GOBBI, MC., and , KERBAUY, MTM., orgs. **Televisão Digital: informação e conhecimento** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura acadêmica, 2010. 482 p. ISBN 978-85-7983-101-0. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/k8s27/pdf/gobbi-9788579831010-04.pdf>. Acesso em 22 set 2013.
- GÓMEZ, A. I. Pérez. A Cultura escolar na sociedade neoliberal. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, Ed. 34, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: Os pensadores. São Paulo: Victor Civita, 1980.
- MATTAR, João. O uso das redes sociais na educação. Entrevista concedida ao Portal Educação e Tecnologia, 2012. Disponível em: <<http://www.educacaoetecnologia.org.br/?p=5487>>. Acesso em 22 set 2013.
- _____. Facebook em educação, 2012. Disponível em: <<http://joamattar.com/blog/2012/01/17/facebook-em-educacao/>>. Acesso em 23 set 2013.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina



Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya-12ªed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF:UNESCO, 2007.

PARENTE, André. Pensar em rede: do livro às redes de comunicação. **In:** Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Intercom, vol. XXIII, n. 1, 2000.

PORTAL EBC. Mapa da intolerância: região sul concentra maioria dos grupos neonazistas no Brasil. Disponível em:

<<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/04/mapa-da-intolerancia-regiao-sul-concentra-maioria-dos-grupos-neonazistas>>. Acesso em 12 set 2013.

RIBEIRO, Lins Gustavo. **Diversidade Cultural enquanto Discurso Global.** Num 15, dic. 2009. Disponível em: **<http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-16942009000200001&lng=es&nrm=iso>.** Acesso em 12 set 2013.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet.** In: Coleção Cibercultura p. 100 – 101. Editora Sulina. Porto Alegre, 2009.

SAFERNET/ONG. Crimes ocorridos na internet. Disponível em: **<<http://indicadores.safernet.org.br/>>.** Acesso em 09 set 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2 ed. Autêntica, Belo Horizonte, Brasil, 2010

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e Diferentes.** Vozes, Brasil, 1999